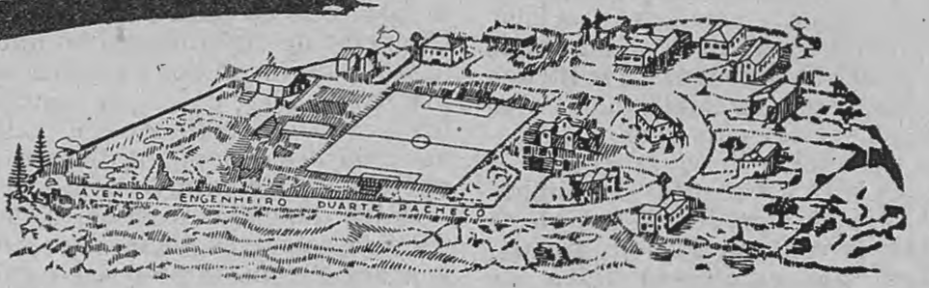


Redacção, Administração e Proprietária CASA DO GAIATO-PAÇO DE SOUSA - Telef. 5 Cete	Director e Editor PADRE AMÉRICO
Composto e Impresso na TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO-PAÇO DE SOUSA	Vales do Correio para CETE



O Gaiato



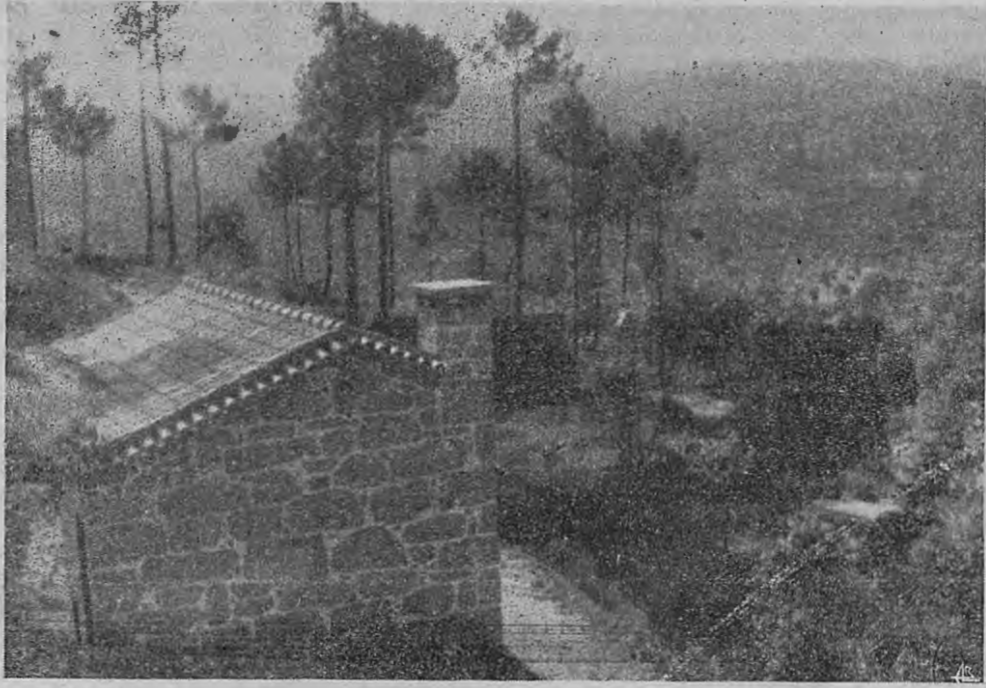
Visado pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO VIII N.º - 194
Preço 1\$00

CONTRASTES

Poderíamos dar já os nomes do primeiro grupo de ocupantes, mas por mai. certo, fica para a próxima. Por hoje diremos dos últimos retoques. Cada casa, que o leitor já conhece por fora, apresenta-se por dentro da seguinte maneira; divisões adequadas. Calafetadas e forradas. Luz Além do forno embuido e da lareira disposta, temos um preguiçoso de encosto e temos a masseira com armário e temos a arca das roupas e temos a mesa e duas cadeiras e uma cama vestida. Temos o indispensável de panelas, louça e utensílios. Temos a farinha da primeira fornada. Há um feixe de lenha ao pé da lareira. Provisões que durem um mês; e um envelope a cada um com aquilo que puder ser. Isto dizemos aqui para que outros, achando bem, façam da mesma sorte. Isto é mesmo o que se pretende. Esta a nossa propaganda. Estão à vista cinquenta mil pessoas. Não é preciso mais ninguém.



AGORA. Eis uma delas, mais pequena do que outras aqui mostradas. Há dois tipos. Este é o mais pequeno. Mas tem tudo quanto é dado ao Pobre: o forno, a lareira, a pequenina sala de estar. O aido com a corte do bacorinho má-lo jardim. E tem o ar dos pinheiros e tem o azul do céu e nós temos a benção de quem lá mora.

Levantado o primeiro grupo de sete delas em três lugares desta freguesia, andam os pedreiros actualmente ocupados com mais cinco nos lugares de Bairros, Vales, Cadeade e Póvoa; e mais seis em uma freguesia próxima, e mais duas em outra distante. É um desafio ao coração dos homens; ao coração, sobretudo, dos nossos leitores. Nem eles sabem até onde são capazes de chegar!

Claro está que estas coisas são muito mais fáceis de descrever que de fazer. Levanta-se de per-

meio o bicho homem e nós temos de fazer bem aos que nos querem mal. Temos de amar os nossos inimigos. Temos de rezar por aqueles que nos caluniam. Ora por mais estranho que isto pareça,

quem se meter a uma obra destas, tem que sofrer tudo isto. O Mestre foi assim. Mais fácil de descrever, sim, do que fazer.

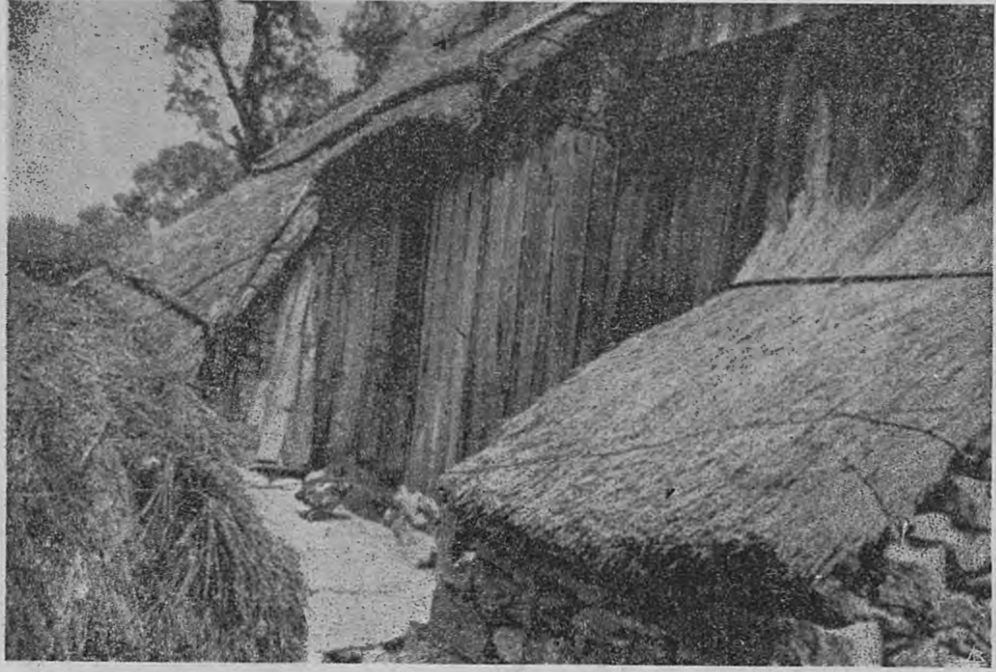
Porém, mais perfeito e melhor, é fazer e descrever.

Esteve cá hoje, em serviço, o Carlos Inácio, chefe do Lar de S. João da Madeira.

Quis e foi ver as casas. Ontem, tinha estado o chefe do Lar do Porto. Quis e foi visitar as casas. Eles que em e eu gosto que assim se interessem. Os meninos do palacete, esses não se lhes dá. Eles têm tudo. Têm demais. Porém, os meus, não. Pensam naturalmente de outra maneira. Eles nunca tiveram e agora, regozijam-se de ver estas casas para os da sua igualha. O que sobremaneira os impressiona é a legenda na pedra: *Património dos Pobres*. Choraram de comovidos.

A Reserva dos Pobres! Podiam ter-se por excepção os destas redondezas, se não fosse certo, dentro de poucos anos, haver as mesmas Reservas noutros sítios, com o mesmo nome e pensamento. Que ninguém duvide. O nosso Deus é Homem Verdadeiro. O Mistério da Incarnação transparece e realiza toda a obra humana.

Eu cá não, que sou entrado em anos. Mas os teus netos, hão-de exclamar: *oh! que selvagens*, quando seus pais lhes mostrarem e di-



DANTES. Ei-la — a cortelha! São todas iguais. Nenhuma tem nada que nos ofereça, e a quem lá reside, muito menos.

A Ti Belmira mora aqui. Foi um destes dias visitá-la. Estava doente. Era n quatro da tarde e não tinha ainda comido nada naquele dia. Esta era, até, a sua doença. E também é a nossa...

CAMPANHA DOS CINQUENTA MIL

Ela continua e está sendo feita em muitas partes do globo. Ontem foi o dia em que chegou uma carta do Rio de Janeiro com um rol de nomes lá dentro. Pelas ruas, nota-se que são todos moradores do centro da cidade. A carta dizia que o dinheiro das assinaturas chegaria às nossas mãos a seu tempo. Mas a gente não espera que ele chegue. O Avelino já expediu. O dinheiro para nós não conta. O que nós pretendemos é que nos amem; e como podem, se não nos conhecem? Por falar em dinheiro e este do Brasil, aqui se declara que as remessas de cinco mil cruzeiros entregues no Lar do Porto, têm sido ali recebidas. Ninguém tenha medo que se venha a perder o que a nós é dirigido; e mandem prá frente mas é.

Não sei se os senhores têm reparado que o jornal, agora, sai de cá cheinho. O Júlio aperta a letra para caber mais. Nós queremos corresponder à tua generosidade. Porque nos pedem mais, nós desejamos fazer melhor. O jornal anda cheinho. Na verdade todo o espaço do pequenino papel tem de ser aproveitado; ele é terreno de sementeiras. Nós somos o semeador.

Todas as quinzenas, Júlio toma em suas mãos o primeiro número a sair do prelo e vem com ele direito aonde eu estiver. Uma vez ao pé de mim, o rapaz transfigura-se. O jornal dardeja. Ele vira e revira. Ele toca e retoca. *Olhe que lindo!* Isto acontece todas as quinzenas. Cada jornal que sai, segundo Júlio, é um mundo novo. Não há repetições; não há cópias. É, antes uma nova raiz com novos rebentos, — uma estrela que se acende! Este é o conceito que o Júlio faz do seu jornal. E' ele quem põe e dispõe todos os seus artigos. Ele ama a sua obra.

Torna-se aqui a dizer que uma das notícias mais agradáveis que podemos dar, é a do dinheiro. Dinheirinho. Quase todos o trazem na mão. Há listas famosas com assinantes de mil escudos! Claro que isto é raro, mas aparece. Tem aparecido. Há de continuar a aparecer. Haja ele quem surribe as almas e os filhos aparecem.

Fizemos uma descoberta; o Gaiato é também um descobridor. Foi uma cidade do Congo Francês. Quatro dezenas de Portugueses ali residentes, deixaram-se apanhar... Dizem que vem lá um cheque de quatro mil e quinhentos escudos e isto, para nós, é como se os tivéssemos na mão. Senhores leitores e senhoras leitoras, o que eu quero é ser muito rasteirinho para que os humildes leiam e entendam. Esta é a minha grande preocupação. Que se não perca uma letra. Que não haja um erro. Que se não provoque um engano. Quanto aos de ma fé, — esses não contam. E vamos prós cinquenta mil.

serem que naquela cortelha, agora ao serviço de animais, moravam, dantes, famílias inteiras. Ninguém duvide. Por algo se tem derramado e continua a derramar tanto sangue inocente...

AGORA

A procissão abre hoje com uma velha muito velha, que vive de um magro Montepio e vai com 20\$00. Ela pode chamar-se velha, mesmo muito velha, mas a sua alma é juvenil. Ao pé vai alguém com cinquenta escudos. O Albertino trouxe cem da senhora acnde vai comer às quinzenas. De Lisboa vai um prego de 25\$00. Do Porto vinte. De Carviçais cem. De Lisboa uma telha de quinhentos. E Mação leva cinquenta. O assinante 13.476 vai com cem. De Vale de Prazeres veio um azulejo de 60\$. Braga fala com uma telha de 50\$00. O Porto também leva quatro telhas a 20\$00 cada uma. Lisboa vai aqui com quinhentos dum dívida. Logo a seguir e da mesma terra vai um senhor com o dobro, cuja soma chegou em vale de correio, da Lapa. Mais uma telha de vinte. Matosinhos vai com mil escudos. *E não desista, diz a carta.*

Atrás deste sonho, e ele realizado pense noutro. Ora vejam os senhores qual é o ânimo de oito milhões de portugueses a respeito da Obra da Rua; vejam e pasmem!!! Queiram agora arrumar-se e deixem passar três irmãozinhos a quem os pais deram duzentos escudos. Alguém do Governo Militar de Lisboa vai com 100\$00. Uma vicentina do Porto, muito caladinha, leva 20 deles.

O Fernando de S.^{ta} Comba Dão vai carregadinho; 270\$00. Pela letra trata-se de uma criança. A Juventude Universitária Católica do Porto manda esta carta:

Na esperança de servir, pouco que seja, uma obra tão cheia de verdadeiro sentido evangélico como a vossa, a Conferência de S. Vicente de Paulo de S. Tomás de Aquino da J. U. C. do Porto (estudantes de engenharia), declara-se ao dispor de V. R.^a para o que julgue serviríamos, especialmente no ramo de Engenharia Civil, como seja qualquer projecto que pretenda na consecução da grande obra levada a efeito da construção de casas para pobres e tudo o mais que entender.

Por amor dos Pobres

Do que eu mais gosto é daquelle final por amor dos pobres. Mais ainda, por ter vindo de quem vem. O que eu pretendo é semear amor. Semear no mundo o amor dos pobres porquanto este em nada difere do Amor de Deus. E vinte do Porto. Outra vez vinte para meia dúzia de pregos. Évora leva um lençol de linho que tirei do meu enxoval. O Abílio Dinis do Ervedal, que é o pároco da freguesia, enfileira com cem. Oh! Abílio; quem havia de dizer que morando nós tão longe, nos havíamos de juntar nesta procissão! O que é pena é sermos tão poucos. Tão pouco clero. Por hora são dois; você e mais eu. Dê cá um abraço. E a Lucília de Vila Verde leva 70\$00. Ao pé vai um com cem. Logo atrás uma tripeira com 50\$ de telhas. E o mesmo de um outro. Uma Gaiense, também leva telhas. Póvoa de Varzim cem escudos. Foz na mesma. Uma criada de servir deixa em casa os patrões a comer e apresenta-se com trinta escudos para as casinhas dos pobres que só lhe sabe dar o valor quem nunca teve casa como eu.

E agora a faúlha. Uma faúlha que apareceu dentro dos escritórios da Sacor em Lisboa e atiou

ali um incendio! Sendo, naturalmente, um lugar de credos diferentes, o certo é que todos se abraçaram, tal a violencia da faúlha: uma casa mobilada dentro de um cheque de catorze contos, por subscrição entre o pessoal daquela importantíssima Sociedade! Mas há mais. Ele há mais. Como a porta que dá para o Gabinete do Conselho de Administração não é à prova de incendio, a mesma faúlha, cá de fora, entrou lá dentro e foi o cabo dos trabalhos. Resultado: uma casa mobilada dentro de um cheque de catorze contos!!

Está lançada a rede. Têm a palavra as outras Sociedades congeneres que militam no nos o país. A mesma faúlha, deve produzir identicos efeitos porquanto todas aquelas organizações tratam de matérias inflamáveis. Vamos a ver.

Ficamos agora em 126.600\$00

TRIBUNA DE COIMBRA

Começaram as colónias de Férias do Garoto Pobre de Coimbra na Senhora da Piedade de Tábuas. A razão de ser destas colónias é a bicha de garotos a dar o nome no Lar do Gaiato e a assaltarmos nas ruas e *deixe-me também ir.* Ninguém pode assistir a tal. Tu e eu. São quinze dias de vida para cada turno. Sopa quente e adubada, a malga de café com leite, a água melhor dos sítios, o ar a pulmões cheios, passafinhos e ninhos de encantar e a semente da palavra de Deus. Aqui sentem-se bem os prosadores ao abrigo dos penedos; sentem-se bem os poetas junto da água a cantar por entre as rochas; sentem-se bem os ascetas encerrados nestas grutas; sentem-se bem os místicos na magestade destas penedias; sentem-se bem os contemplativos nesta harmonia celestial. Como não se há-de sentir aqui bem a criança? E sobretudo a criança que nada tem?

Quem poderia ter resistido a este imperativo? Quem?

Eles que não comem comer de lume, só nas colónias; eles que bebem coisas sujas e estagradas; eles que vivem definhados ao lado das montureiras; eles que só aprendem na escola do vicio. Quem poderia ter resistido a não lhes dar quinze dias de vida? Começamos e até esse momento não tínhamos um tostão de receita, nem de promessa. Então quê? Imprudência? Não; confiança.

Fizemos primeiro um acto de fé na Providência Divina e outro de amor à criança e outro de confiança na tua generosidade e ainda um apelo no Correio de Coimbra. O amor à criança tudo transcende e tudo vence. Eis a prova.

Vinte de um senhor que já passada a hora legal foi bater à porta do Castelo e tome lá para as Colónias; e cem de um senhor Especialista por onde passei a caminho da estação e tome lá que eu não gosto que vejam e encomende-me nas suas orações. E no Castelo, na Sofia, um envelope com uma de meio quilo, muito novinha é para o bacalhau das Colónias do Gaiato do Anónimo do costume. A primeira remessa dele custou 366\$00. Ai se não tivéssemos fé, como tudo isto devia ser tão diferente! Enquanto estava com o envelope na mão um senhor Anónimo, arcepreste, pega numa de cem e tome para os seus rapazes e eu leio sempre o que escreve e gosto muito. Devemos graças a Deus: é Ele quem opera maravilhas. E cheguei ao Lar do Gaiato e encontrei azeite para a Colónia de Férias do Gaiato de uma amiga noelista. Os nossos depósitos mais certos em Coimbra continuam a ser no Porfirio Delgado na Rua Ferreira Borges, o Castelo na Sofia e aos Arcos, o Lar do Gaiato e o correio de todos os dias que pode trazer tudo. Digamos todos: meu Deus, eu creio; eu espero; eu amo.

Os nossos amigos que se encontrarem no dia 5 de Agosto no Buçaco ou no Luso, no dia 12 na Figueira da Foz e no dia 19 em Nazaré, hão-de ter a paciência de nos escutar e o incómodo de meter a mão nas nossas sacas.

PADRE HORÁCIO

PROPAGAI

“O GAIATO”

Angariando novos assinantes

DO QUE NÓS NECESSITAMOS

Mais 20\$00 do Porto. 20\$00 pela passagem em certas cadeias do meu curso. Esteve aqui um visitante e disse-me querer ver no jornal as letras E. M. L. A. com 100\$00, e elas aqui estão. Por visitantes, não se tem falado deles por falta de tempo e de espaço; quanto ao mais, cada um que nos visita tem marcado presença. Com esta doutrina de que ninguém nos deve nada, nós temos recebido e continuamos a receber tudo. Mais 100\$00 de Val de Azores. São de uma mãe que pede a Deus um filho que venha a ser Padre da Rua. Uma modesta oferta de um Oficial de Infantaria, para um Portugal melhor; 100\$00. Mais outro tanto de uma Maria pecadora. Ela é de Castelo Branco. Mais vinte do Porto para os pobres do Barredo. Mais cinquenta de uma mãe agradecida. Mais vinte de S. João de Areias. Mais quinhentos da Fonte da Moura. Mais cinquenta do Porto para o Barredo. Mais 50 de Casal delo para os pobres do Barredo, sufragando a alma do nosso querido José Pinho. Mais 100\$00 do Zé da Aldeia e Chico da Terra. Eles são do Porto. Que eles jamais se venham a separar, pois que tão juntinhos entraram na Igreja. Mais 100\$00 de Lisboa. Mais do Porto cem escudos para as suas visitas ao Barredo; são de uns estudantes do terceiro ano. Mais 20\$00 de Belas. Mais 50\$00 de Tomar. Mais 60\$00 de Monção. Mais 50 do Colégio da Via Sacra de Viseu. Mais 20 do Porto. Mais 100\$00 do Porto para os pobres do Barredo. Mais trinta de Carviçais. Mais vinte do Porto. Mais o Zero que manda algo para abater o seu débito. Mais vinte do Porto. Mais cem do Altino. Mais 50 de uma anónima. Mais 20 de Cabeçudo. Mais 20 do Porto. Mais vinte e cinco de Lisboa para o Barredo. Mais duzentos para os pobres do Barredo. Mais cem de Lisboa. Mais cinquenta de Castelo Branco. Mais 20 de Lisboa. Mais sessenta de Tomar. Mais cem para os pobres do Barredo. Mais mil deles de Mirandela. Mais 20 de Lisboa. Do Barreiro vieram 25\$00.

Do Porto chegaram 20\$00. Mais do Algarve 600\$00 de Um que se procura mas não se encontra.

O Ultramar anda cada vez mais pela nossa porta com muitas cartas de namoro. Não há canto nem quelho de onde não venham notícias todos os dias. É espantoso. Nem as simpáticas migalhinhãs faltam; assim é que a Maria manda 50\$00. Outros falam mais alto: esse comunismo em ponto pequeno podia muito bem servir para todo o Portugal, bastando sómente que os muito ricos e os donos do poder se unissem para acabar com os muito pobres; e a par veio uma quantia de dinheiro. O Lobito é farto em donativos; da Costa Ocidental é sem dúvida a terra que mais notícias nos dá. De Lourenço Marques acaba de chegar um cheque de 2.500\$00 pela alegria de termos um filho saudável. Da Beira, também não faltam cheques ainda que de quantias mais modestas. Desta sorte, não precisarei de ir até às colónias pois que elas vêm até nós.

Mais esta carta:

Sou um assíduo leitor do seu jornal «O Gaiato» — Sou daqueles que não deixam sequer uma linha

por ler, tal é o prazer que a leitura me dá. Julgo que não seria de sentir prazer com uma leitura que só nos conta tristeza e miséria, se a par dela não houvesse a riqueza dos precissos que a sua Caridade usa, para atenuar um pouco esse Vale de Lágrimas. Por ele sei quanto é grande a sua Obra em favor dos Gaiatos da rua, e quanto é penoso o seu trabalho para minguar um pouco a miséria, nessa terra de Cristo, que também é nossa.

Por ele sei dos apelos que faz aos endinheirados, que nada fazem, a não ser uma vida extravagante, que o excesso de dinheiro que possuem, lhes permite. Mas por ele sei também o apoio que outros lhe vão dando, para que a sua Obra atinja tais alturas e para que no seu mais Alto possa tremular a Bandeira da Caridade e Fraternidade Humana, a alumiar como um grande farol, esta Humanidade nas Trevas. Julgo que não precisará de apoio moral para a sua obra, pois lhe bastará a grandeza dela. Mas apoio material, sim!... Sou dos que já por algumas vezes colectivamente têm contribuído para a Casa do Gaiato, embora com pouco, porque as posses não me dão para mais. Porém, com a ajuda de Deus a minha situação melhorou um pouco, e passo além do meu ordenado a ter algum rendimento. Pensei por isso, tirar dele um pouco, e distribuir pelos pobres da minha terra, que são muitos. Como não podia deixar de ser, não esqueci a sua Casa do Gaiato. O seu Barredo também me penaliza muito, porque o conheço de passagem e por isso muito aprecio a sua Caridade naquele bairro miserável. Assim meu P.^e Américo, na distribuição que fiz pelos pobres da minha terra, coube à Casa do Gaiato 1.000\$00.



Amadeu Fino e Margarida.

Para chegar a este ponto, — quantos trabalhos! Mas o passado lá vai. O Amadeu é hoje um carpinteiro, que ganha a sua vida em Manteigas. Veio ter em pequenino a Miranda, de onde transitou para Paço de Sousa e hoje faz parte da família portuguesa.

UMA CARTA

Há quanto não desejo escrever-lhe; mas avalio pelo que diz no seu jornal a avalanche de correio que chega aí, motivo porque ando sempre a adiar. Sou Assistente Social, trabalho em contacto diário com a pobreza tal como a descreve no seu Barredo—e pode crer que sinto muita vez desânimo. Mas de oito em oito dias os meus pulmões, tal como os tuberculosos que fazem pneumotorax, alimentam-se e a minha alma enche-se da coragem que dá no seu jornal.

Na verdade só se ama e se cuida do que se conhece, porque tanto erro, tanta miséria, porque há muitos que continuam a não querer amar nem conhecer a verdade? Ao menos dê a através do seu jornal.

Queria falar de viva voz consigo—o Senhor é que devia ser o Director de todos os Institutos Sociais; todas as técnicas que se «aprendem» caem por terra junto dessa obra cristã. Também nós somos pobres e pode acreditar que não desejo ser rica... Queria hoje mandar alguma coisa mas infelizmente este mês o meu «Barredo» já «penetrou» muito no meu orçamento e estou já receando o desequilíbrio.

Uma humilde trabalhadora Social

Assina-se uma humilde trabalhadora social. Eu gosto muito de dar publicidade a certas cartas. Gosto que o jornal seja de todos. Mais esta carta; ela é ainda a continuação do episódio entre o Carlos mai-lo Chico das pombas, e é dirigida ao primeiro.

Eu leio o jornal o Gaiato todos os 15 dias e leio com o maior interesse tudo, mas neste último número fez-me muita impressão o incidente do Chico das Pombas com o Carlos. Estimei do coração a generosidade e caridade com que o Carlos lhe perdeu mas não posso deixar de ter pena do Chico das Pombas porque eu apesar de rapariga já fui a figura dele. Ele tem mau génio e bom coração e eu era a mesma coisa. Fiquei contentíssima por ele não ir embora. Se tivesse ido podia vir a ser um desgraçado e assim ainda pode ser um grande homem. Eu só peço a Deus que o senhor P.º Américo dure muitos anos para com a caridade e inteligência salvar muitos rapazes.

Peço ao Carlos desculpa de o estar a maçar; eu sou uma assinante.

E já agora, que estamos, em maré de dar a palavra aos outros, vamos publicar este soneto que diz respeito ao incidente das pombas do Chico. Foi um senhor de Lisboa. Diz ele na carta que é do punho de Raimundo Correia poeta brasileiro. Ele aqui vai:

Vai-se a primeira pomba despeitada...
vai-se outra... vai mais outra,
enfim, dezenas
de pombas vão-se dos pombais, apenas
raia, sanguínea e fresca, a madrugada...

E à tarde, quando a rígida nortada
sopra, aos pombais, de novo,
elas, serenas,
rufando as asas, sacudindo
as penas,
voltam todas em bando e em
revoada...

Se todos fossem assim!

DANTES, quando eu não tinha asas e andava de combóio, não era raro ouvir aquela exclamação, de dentro das carruagens, ao passar pelos corredores—se todos fossem assim! Era de mim que falavam. Eu não podia, naturalmente entrar em cada uma e fazer um sermão a cada senhor; não podia. Mas ficava com pena de um tal conceito. Na verdade, aqueles senhores, falando assim, pretendiam limitar o poder exuberante da Igreja. Assim como na ordem da Natureza a diversidade das coisas é que a torna bela, assim também na ordem da Graça; e esta é a seiva da Igreja.

Mas o que mais me preocupa, é a crescente expansão deste erro, posto na alma de meio cento dos nossos rapazes, que trabalham hoje no comércio e na indústria. Eles trazem isto para casa, e nas reuniões semanais, colocam sobre a mesa de trabalho aquela doutrina e querem saber como é. Isto é muito prejudicial à formação religiosa deles, podendo ser induzidos a aceitar o único modelo de sacerdote e descreer dos mais.

Ora eu quero aplanar. Eu quero fazer doutrina para todos, mas muito principalmente para a legião actual e vindoura dos rapazes da Obra da Rua. Eu quero que eles andem bem informados. Eu devo-me totalmente a cada um deles. Este artigo será, por isso, um *Cantinho dos Rapazes*.

Para começar a ser muito claro, vou dizer das alfases. Nós temos canteiros delas em abundância. Os cozinheiros colhem, preparam e todos nós comemos. Há umas brancas, repolhudas e doces. Há umas verdes esguias e amargas. Tudo é alfase. Todos comemos delas. Umas doces outras amargas. Da salada suba-se aos animais. O Chico de Casal delo, que ama tanto as suas pombas, não fazia o mesmo às víboras. Dos animais subamos aos rapazes. Sem dizer aqui nomes, vós sabeis como têm provado alguns dos nossos dentro das nossas casas; recebendo todos a mesma orientação, entre nós tem havido pombas e víboras... Do rapaz subamos ao sacerdote e aqui é precisamente onde eu quero chegar. A Igreja é a Obra de Cristo Redentor, continuada por homens escolhidos, todos sob um único Chefe, cada um ocupado na sua obrigação. São os padres. Nem eles são iguais, nem as suas obrigações. Mas todos se sentam na *Cadeira de Moisés*, ensinam a mesma doutrina, minis-

Também dos corações, onde abotoam,
os sonhos, um por um, céleres voam,
como voam as pombas dos pombais.

No azul da adolescência as asas soltam;
fogem... mas aos pombais as pombas voltam,
e eles aos corações não voltam mais.

Eu tenho lido e relido e trelido este soneto e não topo nele nada que me diga ser isto obra dum estrangeiro. Até o nome é português!

tram os mesmos sacramentos com a mesma intenção. Nós não podemos nunca avaliar, tão pouco supor o heroísmo escondido da vida dos sacerdotes! Vós não, que não tendes idade nem experiência, mas os nossos leitores, sem dizer nomes, podem fechar os olhos e ir, com a memória, buscar aquele padre que conheceu ou conheceram, grande e sublime na paróquia, no púlpito, na cátedra, na cela, nas missões:—cada um na sua obrigação.

Não é possível; isto de querer ou esperar que todos os padres da Igreja sejam iguais a um determinado, é um raciocínio puramente humano. Pequeno como nós. Não tem fundamento na Verdade.

Os dons de Deus não são em si iguais nem dados igualmente a cada um.

A Igreja é prodigiosa nos seus ensinamentos, na sua fecundidade, nos seus escolhidos. Todos eles são necessários. Se algum destoia, esse tem lugar e é para provar a humildade dos outros e afirmar a sua origem divina. Sendo, como é, Obra de Deus, a Igreja está, na verdade, fora e acima das qualidades e dos defeitos dos seus obreiros.

DOCTRINA

Ontem foi o dia e muitos são eles em que eu recebo cartas a contar situações verdadeiramente desesperadas, as quais, com um empréstimo, poderiam ser resolvidas. Além destas cartas, aparecem-me, por vezes, a própria pessoa. São casos verdadeiros e cada um de sua trama. A sinceridade transparece. A aflição comunica-se. Eu leio e oiço e fico cheio de pena; mas não vou mais adiante. Eu não posso ir mais por diante.

Compreende-se perfeitamente a razão porque me pedem. Primeiramente, adivinha-se em mim, e é certo, uma grande sensibilidade pela dor alheia. Em segundo lugar, lê-se neste jornal o movimento quase astronómico de dinheiro. Ora a estas duas verdades, eu tenho de juntar uma terceira a condizer. Dela resulta que não posso trair de maneira nenhuma a missão a que me devotei. Eu tenho-me na conta de um simples depositário dos dinheiros que me entregam; e desejo ser fiel dando-lhe emprego consoante as instruções recebidas. A fidelidade constante a este procedimento é, mesmo, responsável por um tal dilúvio de dinheiro. Se eu pusesse somente o coração ao serviço das súplicas que me fazem, não seria prudente. Prejudicava a obra dos rapazes. Os meus padres não haviam de gostar e podiam correr o risco de fazer o mesmo. Por isso, pedindo aqui hoje a todos que me poupem a estas notícias, fico rogando ao nosso bom Deus que, por outros caminhos d'Ele, remedeie situações.

BARREDO

A respeito dos Barredos, tenho aqui uma carta que me chama vaidoso. *Cuida você que não há mais quem visite pobres ou que eles não eram visitados antes de si! Você é todo vaidade.* Como esta, chegam outras de vez em quando; algumas, pelo nome, são, até, de elementos chamados da nossa melhor sociedade. É a sacristia a falar. E a sacristia a defender o seu grupinho. Eu cá leio. Tomo conhecimento. Boto no cesto. *Moléstia* vem e apanha os selos e assim se queima a vaidade.

Isto são excepções. Noventa e nove por cento dos nossos leitores, morrem pelas notícias do Barredo e não me chamam nomes.

Fazem delas a sua meditação. Por elas amam o seu semelhante. E por elas enriquecem, repartindo os seus dons. A suposta vaidade do visitante de pobres, em nada prejudica estes dons de Deus.

Desta vez fui sózinho e por caminhos diferentes; a área dos barredos estende-se por muitas léguas, infelizmente. Numa toca, fui dar com uma criancinha de dois anos e não contava que para ela se abrisse tão depressa a porta do hospital Maria Pia. Bendito seja o Senhor Deus de Israel! A mãe deu entrada num sanatório. Louvemos outra vez o Senhor. O pai morreu o ano passado. Bendito seja Deus em todas as suas obras. Em uma outra toca, fui dar com um doente, o qual os vizinhos tinham colocado à porta da rua, a ver se ele, doente, angariava esmolas. Tinham-no recolhido na maré em que eu cheguei. Arranjara desassete tostões e estava com eles na mão a fazer contas do que havia de comprar para a sua primeira refeição daquele dia; o sol declinava. O calor de Julho e as moscas, fustigavam. Eu trazia comigo uma caixa de doces de Santarém, que nós Clérigos me deram. Balbuciei ao pobre a oferta, mas fui dizendo que não; doces de ovos num estômago doente, faminto... O pobre não me deixa prosseguir e arrebatou a caixa das minhas mãos. *Deixe cá ver; eu como de tudo.* Era a voz da fome. Não tive coragem e fiz ali aquele mal, por bem. Que o nosso bom Deus perdoe esta minha fraqueza. Dali, segui para o Lar de S. João da Madeira. Tinha posto ir lá jantar com os rapazes e fui. O Senhor Paulo, nosso vizinho, ao ver-me entrar, mandou um regalo de duas garrafas de vinho branco. Que bom!

Inácio, o chefe, falou-me da sua Conferência recém-nascida e do número de pobres que tinham e das visitas que lhes fazia e das somas que distribuíam. E que da venda, os rapazes traziam todas as quinzenas nomes de novos su-

(Continua na página seguinte)

ISTO É A CASA DO GAIATO

Eles chegaram da quinzena e disseram-me que na sexta-feira, havia de vir um senhor do Porto com uma bola de câmara e coelhos e patos e selos de D. Maria II. E que na quinta-feira à tarde o senhor telefonava. E que eles o haviam de ir esperar a Cete, ó combóio das nove. E muito mais me disseram os vendedores do jornal. Por mais nada não, mas pela notícia dos coelhos, fiquei aflito. Eu tenho medo de coelhos aqui em casa. Não por eles, mas sim pela poeira dos zelosos. Erva e couves e cascas de tudo; tudo isto é matéria de disputas, e já tem havido sangue. Eu temo a presença de coelhos. Na quinta-feira de tarde, o Sinfães plantou-se ao pé do telefone e não saiu de lá sem ouvir o senhor. Este falou e disse que sim; *amanhã às nove estarei em Cete. Vem a manhã do dia glorioso. Eram sete quando me dirijo para a capela, e sai-me o Sinfães e o Hélio e o Presidente a perguntar se já eram horas de ir. Isto eram sete precisas. A estação dista dez minutos daqui. O combóio chega às nove e meia...!* Eu fingi não dar fé do que lhes ia na alma e disse que não senhor; que bastava sair às nove e um quarto e eles saíram àquela hora. Daí a nada estavam de regresso. De três que entraram a porta, fizeram-se mais de cinquenta ao chegar à casa-mãe! O senhor vinha no meio deles. Eram duas cestas de vime cheias de patos e eram duas bolas de câmara marca *Trindade* e eram selos de D. Maria II. Coelhos, por minha sorte, não senhor. Faltava um quarto para as dez; às onze eu tinha de sair e saí. O senhor ficou Jantou à nossa mesa e retirou-se à tardinha. Ele que diga, se é capaz, o que foi e como foi a sua estada no meio da nossa desordem...

Eu chamo a isto doces intromissões. Temos mais destes intrusos, felicemente. Eu vou contar: *é a senhora dos emblemas.* Tais apertões aqui tem levado, que, um dia, partiram lhe um braço! Eu fiquei aflito, naturalmente, e cuidei que ela não mais voltasse. Mas enganai-me. Noutro dia, ela mostrou desejos de vir almoçar a nossa casa e combinou tudo com o *Melgaço* e o *Zé da Lenha*. Ela também é do Porto. Marcou-se o dia. Ela havia de tomar lugar à mesa aonde o *Melgaço* come, segundo o combinado. Para tanto, este e *Zé da Lenha*, pediram à senhora uma toalha, que estenderam no sítio que ela ia ocupar. E também pediram à senhora um prato de comida especial e sobremesa. Isto teve lugar no dia de S. Pedro. Ao meio dia, estava a senhora dos emblemas. Como nunca se apresenta de mãos vazias, na maré, em vez de brinquedos, trouxe uma remessa de trezentos *jesuitas*. Até aqui nada de novo, mas o pior começa agora. A senhora dos emblemas, entrada que foi no refeição, é disputada por todos; cada um pretende tê-la à sua beira. O barulho não se descreve. Eu enchi-me de medo que lhe partissem o mesmo ou outro braço... Foi então que ela teve e pôs em prática uma ideia verdadeiramente genial: saiu do refeição, aonde de novo entra com os olhos fechados. Declara, de olhos fechados, que vai dar uma volta por entre as mesas e aonde deliberar sentar-se, aí ficará. A malta escutou e apro-

bscritores. Ora disto é que eu gosto. Enquanto os Rapazes da-Obra da Rua se interessarem real e eficazmente da sorte dos pobres, ninguém tenha medo das suas quedas. Deus levanta-os.

vou. A senhora dá voltas às mesas. O silêncio daquela hora, só tem igual nos sepulcros. Nisto fez uma pausa. Apalpa a mesa. Afasta os rapazes e senta-se no meio deles. Abriu os olhos e aonde ficou comeu. Gosto destas doces intromissões na Casa do Gaiato.

Nós temos cá em casa uma rata. Rata lhe chamam os rapazes, mas ele é mas é uma pega. Em pequenina, acharam-na na mata, caída do ninho e trouxeram-na para a aldeia. Fernando Preta tomou conta dela, mas o Santa da Lenha vai e roubou-lha. Este é sapateiro e colocou a pega ao pé dum passarinho que o Tiroliro ali tem. Santa, vai à cozinha por comida e trata de a ameigar. A ave, por sua vez, dá em conhecer o Santa e a retribuir. À hora de abrir a oficina, aonde a pega dorme, e depois que cida um se senta no seu banco, aí vai o pássaro contente e grato, aninhar-se nos joelhos do seu benfeitor. E deixa-se ficar ali muito tempo. E acompanha o movimento dos braços. E dá picadas na linha. E sobe para os ombros. E pousa na cabeça. Amor com amor se paga.

Por ser muito irrequieta, o António Sapateiro pôs à pega o nome de rata. É a rata. Aqui em casa tudo tem o nome que merece. A rata, quando lhe parece, sai da oficina e vai pousar nas árvores; anda por lá! Porém, basta que o Santa chame por ela e a rata comparece imediatamente. Próximo da oficina de sapateiro, fica o escritório do Piolho. Este meteu-se com a rata, como não podia deixar de ser... Também ele chama por ela. Perto dali, fica a oficina de composição com dez rapazes a compor e a descompor. A rata já deu com a porta... Meus senhores, não lhes digo nada; só visto...

Tinhamos recebido da Vila da Feira notícia da oferta de um casal de pavões; é um sacerdote. Entrementes, aparece guia de uma grade com animais vivos vindos de Espinho. São eles, disse eu comigo mesmo e mandei à estação buscar os pavões. Foi-se a ver e eram dois galos! Tomei isto por engano de quem fez a oferta e os bichos, brancos e lindos, tomaram o primeiro lugar no espanto da malta. Mas dias depois, tendo eu ido ao Lar do Porto, ouvi dizer que estavam ali dois pavões. Não mos queriam dar, mas eu impus-me e trouxe-os na caixa do *Morris*. Os galos perderam o lugar e agora são os pavões. Nem sei se no mundo alado há qualquer coisa que os desbanque. Moléstia é que tomou conta. Estão empoleirados no antigo aviário. Por não saber de nada especial que eles comam, o Moléstia encheu a capoeira de tudo quanto tenha geito de ser comido. É uma boda permanente. Se os pavões vierem a escapar da variedade e da fartura, o que sinceramente se deseja, daqui a dias abre-se-lhes a porta, para que possam procurar por si mesmos cama e mesa e roupa lavada.

Ontem esteve um grupo de visitantes. O Armando Pequeno foi cicerone. Eles falavam com um dos nossos maiores a respeito da iniciativa *Património dos Pobres* e diziam que não. Que primeiro é preciso ensinar o pobre a viver numa casa decente. Que ele é feliz na barraca e mais coisas por aí adiante. Armando Pequeno escutava e nota que o seu companheiro não respondia. Que faz ele? Indignado, corre a chamar um outro que lhe parecia ser capaz de respon-

PELAS CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO No dia 6 de Agosto será a inauguração da casa nova. E nós estamos muito contentes por mais uma vez recebermos a visita do nosso Pai Américo que naturalmente não se esquecerá de nós e trazer-nos-à alguma coisa para melhor festejarmos a nossa festa. Teremos também de comprar foguetes para toda a gente saber que a nossa casa está em festa. Desde já recomendamos aos nossos leitores se nos quiserem visitar é aproveitar a melhor ocasião.

— Chegaram há dias as Colónias de Férias da Senhora da Piedade de Tábuas em que se têm mostrado todos muito contentes. Já lá fomos passar um domingo, foi daqui tudo o necessário. Comemos lá, e tudo, fizemos algumas brincadeiras, jogámos à bola, etc. Têm lá andado alguns dos nossos rapazes a trabalhar, andam a arranjar a piscina. Estamos a contar no próximo domingo que eles cá venham fazer um desafio.

Começaram hoje os exames da 4.ª classe tendo hoje ido fazer as provas escritas que resultaram muito bem, se eles agora na prova oral continuarem assim ficam todos bem. Os alunos foram 6 que são os seguintes: Adélio, Manuel Ferreira, Dragão, Monarca, Victor e João. Antes disso eles me recomendaram para pedir aos nossos caros leitores que se eles ficassem bem não se esquecerem de lhes mandar qualquer prenda. A crónica de hoje está terminada, para a outra quinzena já poderei informar os resultados finais.

CARLOS MANUEL TRINDADE

NOTÍCIAS DA CONFERENCIA DA NOSSA ALDEIA

É extraordinário como o nosso pequenino Gaiato é um elo entre todos os continentes do mundo. É pequenino, compreende-se, mas está em causa, a causa Santa dos Pobres, nossos irmãos.

Pois bem. A África está aqui e nós estamos em África; quem o diz é a nossa assinante 10.536, da Companhia de Moçambique com 100\$00. Outra carta de longe, mas relativamente perto; é de A. J. P. da Terceira que enviou 100\$. De facto o nosso Gaiato é extraordinário, nunca tal se viu! Mais uma que termina assim: *aqui vão 5\$00 em selos para o pobre mais pobrezinho da Conferencia, e muita pena de não poder dar mais. É a primeira vez que dou para eles e sou tuberculosa.* Assina-se uma *vossa irmãzinha*. Como esta, são milhares que se têm recebido desde que a revolução começou... 50\$00 para a Conferencia de S. Vicente de Paulo rezava num cartão branco de cartolina. Imediatamente de Carrizado 21\$50; quando nos ler já sabe a nossa estimada leitora que algo recebemos, pois salvo erro há tempos avisou-nos que tivéssemos cuidado em não pormenorizarmos nome e direcção, para não dar sinal... De Coimbra chegaram 20\$00, do Sr. Lucas. Depois a nossa assinante 14.912 diz que O GAIATO é o melhor jornal do mundo e com isto 20\$00. Por fim de Lisboa 50\$00. Do Porto nada de novo.

J. M.

der àquele grupo e diz-lhe: *vem daí depressa que estão ali a dizer mal das casas dos pobres e o Manuel não sabe responder.* O Armando acertou. O rapaz que ele trouxe pela mão até junto do grupo, também acertou: *a nós parece nos que a melhor forma de ensinar o pobre da barraca a viver numa casa decente, é dar-lhe uma casa decente.* O grupo retirou-se. O mesmo fizeram os três rapazes; o que não soube responder, o que respondeu e o Armando Pequeno que o fora chamar.

O Cisco transformado em Luz!

Andamos todos consolados; dia sim dia não, chegam da quinta cestos de fruta. Eu disse que é preciso fazer-se uma festa ó *Caçola*; uma grande festa, pela sua fidelidade à guarda das árvores. Mas a malta não. Protesta: *Que a festa, a fazer-se, tem de ser a todos. Não é o Caçola; somos mas é nós que respeitamos a fruta de todos.* Ora eu não sei que faça.

PAÇO DE SOUSA Já começaram as dores de barriga para os que andam a fazer a 4.ª classe. Dos 28 rapazes que o Sr. Arlindo levou este ano, 19 já estão salvos. Desses, ficaram 4 distintos. São eles: o Récio; o Chico; o Pintarrocha II e o Sinfães. Vamcs a ver se os 9 que ainda faltam, não trazem nenhuma raposa. Os exames têm sido em Penafiel. De manhã abala tudo para lá, cada qual com 5\$00 no bolso para comer. E até ver todos se têm portado bem, à excepção do China. Ora o China com o dinheiro que tinha para comer resolveu comprar um mealheiro de barro. Mas ele achou melhor trazer o mealheiro sem pagar, e mal apanhou a mulher distraída, pirou-se com o mealheiro. O Sr. P.º Américo queria mandá-lo para o Porto, mas agora já mudou de opinião. É o China quem que esperar mais algum tempo.

Na semana passada foi a inauguração da casa da lavoura. Para comemorar o facto matou-se um carneiro e mais coisas boas. O Sr. P.º Américo e o Sérgio convidaram alguns rapazes para assistirem à festa. Começou-se a comer às 3 horas. Vieram primeiro as coisas boas. Tudo comeu pouco que era para guardar lugar para o carneiro. Mas acontece que o carneiro ficou mal cozinhado e quando se ia comercheira va mal. O Sr. P.º Américo veio-se logo embora, por causa dos convidados não caírem em cima dele.

Esteve cá um senhor muito nosso amigo que nos trouxe 7 patos, 2 galos e 2 bolas de futebol. Os galos puzemo-los logo no lago do Moléstia e todos os dias vão para lá tomar banho. As bolas de futebol: uma foi para o nosso grupo e a outra acaçaram-na os vendedores. A este senhor e a todos que nos ajudam muito obrigado.

Brevemente vão começar as obras do bairro para os rapazes que se casarem. O Sr. P.º Américo já comprou o terreno e agora andam a deitar abaixo as árvores para dar largueza. O Bairro vai ficar quase pegado à nossa quinta. Os pedreiros andam a deitar abaixo um bocado do nosso muro, para os visitantes poderem ver o Bairro, da nossa quinta.

O Mangas mai-lo Mázinha resolveram fugir, por causa de irem ser chamados a tribunal. Eles eram pedreiros e andavam sempre na hora do trabalho, na santa borga; por isso iam ser chamados a capítulo.

Passado um dia o Mangas apareceu à porta a pedir para entrar, pois lá fora não toca a sineta 3 vezes ao dia para comer, como cá dentro. O Sr. P.º Américo disse que não o deixava entrar, por já ter fugido 2 vezes, mas a gente tanto lhe pedimos que ele cá ficou.

No domingo dia 22, defrontamos no nosso campo o Ataense F. C. de Gondomar. Com este desafio terminou a época futebolística; aberta e fechada com chaves de ouro, pois desde o princípio da época o nosso glorioso grupo de futebol não conhece o amargo da derrota. Este jogo foi jogado fortemente, pois os jogadores eram fortes e não estavam para graças. Mas a nossa equipa é que como sempre marcou presença, vencendo pela larga margem de 5-2.

O nosso famoso team alinhou: Bartolo; Constantino; Rio Tinto e Manuel; Sérgio e Prata; Jacinto, Gari, Carlos, Armando e Elvas. À primeira parte venciamos por 2-1, ambos metidos pelo Elvas. Na segunda parte, o nosso grupo, já então senhor do terreno, dedicou-se a jogo de exibição. Prata neste capítulo primou. A bola nos pés dele era um perigo constante. A assistência delirava-se com o jogo dele. Sérgio na nossa defensiva era um arraza montanhas, pois quem quizesse passar por ele tinha que lhe tirar o chapéu. Os outros tentos foram marcados pelo Gari e 2 pelo Armando. Terminando o desafio com a vitória a nosso favor por 5-2.

FERNANDO MARQUES

COIMBRA A nossa Conferencia vai progredindo de dia para dia, apesar de lutarmos com grandes dificuldades. Não sei se os leitores sabem que esta é a Conferencia mais nova da Casa do Gaiato e por conseguinte aquela que mais precisa da ajuda de todos os leitores e amigos da nossa Obra nem que seja pouco, porque pouco a pouco se vai ao longe. Chegaram-nos há dias 100\$00 que uma pessoa cá tinha deixado ficar em nossa casa. Quando alguém quizer dar alguma coisa, por exemplo: dinheiro ou roupas, pelo correio, é favor mandar em nome da Conferencia Vicentina de S. José Lar do Gaiato-C. Não se esqueçam de nós. Mandem-nos tudo nem que não tenha nenhuma utilidade porque tudo em nossas mãos é útil.

Acabou a época de futebol. Não para nós, porque todos os dias quando chegamos dos nossos empregos a bola de farrapos anda sempre em jogo. Como nós não temos uma bola de borracha (cu de couro, temos de utilizar meias velhas para alcançarmos o que deixamos uma bola. Mas as meias desaparecem pouco a pouco. Para que isto não continue vinha pedir aos senhores que nos mandassem uma bola nem que seja de borracha, mas se for de couro ainda melhor. Cá esperamos uma bolinha. Sim?

Em nome de todos os rapazes venho agradecer aos Srs. Directores do Teatro Avenida e Cinema Sousa Bastos, a entrada grátis que nos têm concedido, para ali assistirmos a vários espectáculos. Muito obrigado, meus senhores.

JOSÉ MARIA FERNANDES